

VISÃO DO CORREIO

O preço do silêncio

Em janeiro de 2021, uma multi-dão invadiu o Capitólio tentando impedir a certificação de uma eleição que havia sido decidida nas urnas. Quatro anos e meio depois, os indicados de Donald Trump para os postos mais altos do Estado ainda não conseguem dizer, em público, quem ganhou aquela eleição.

As recentes sabatinas no Congresso americano — cujos trechos inundaram as redes sociais — expuseram um espetáculo de contorcionismo retórico constrangedor. Indicados de alto escalão para postos vitais do Estado, da inteligência nacional ao Judiciário, hesitam, gaguejam e recorrem a respostas ensaiadas sobre a "certificação" formal do pleito de 2020 para evitar pronunciar uma verdade factual simples: Joe Biden venceu aquela eleição. Esse silêncio corporativo, motivado pelo receio evidente de contrariar Donald Trump, não é um capricho de lealdade partidária. É o sintoma mais agudo de uma erosão institucional planejada que coloca sob xeque a estabilidade da maior potência ocidental às vésperas das eleições legislativas de novembro.

A recusa sistemática em validar a lisura do passado funciona como laboratório de testes para o futuro imediato. Ao manter viva a retórica da fraude sem provas, pavimentam-se o terreno para uma contestação deliberada caso os resultados das próximas eleições de meio de mandato, as midterms, quando todo o Congresso é renovado, contrariem os interesses do círculo trumpista. O risco real já não se limita à judicialização dos resultados: estende-se à possibilidade de interferência direta nos mecanismos de contagem ou, no limite, a tentativas de inviabilizar a própria realização dos pleitos. Quando funcionários que deveriam zelar pela segurança

e pela aplicação da lei se dobram à intimidação política antes mesmo de assumirem suas cadeiras, a confiança institucional entra em colapso prático.

A história demonstra que grandes repúblicas raramente desmoronam por invasões externas. Colapsam, normalmente, pela gradual deterioração de suas salvaguardas internas. A democracia americana, que acabou de completar 250 anos, construiu sua hegemonia global sob o princípio da transferência pacífica e inquestionável do poder. Quando essa engrenagem é travada por ego ferido e personalismo autocrático, o impacto reverbera além das fronteiras. Crises institucionais em Washington desestabilizam mercados, afetam linhas de investimento e oferecem um salvo-conduto moral para que regimes autoritários em outras latitudes deslegitimem os próprios processos eleitorais. O que se assiste atualmente no Capitólio não é uma querela paroquial americana, e, sim, o enfraquecimento da principal referência democrática do Ocidente.

Diante desse cenário, a crença de que as instituições se autorregularão ou de que a moderação prevalecerá após a confirmação dos cargos é um erro de cálculo temerário. Se a exigência para governar passou a ser a negação da realidade objetiva e o alinhamento cego a um ressentimento pessoal, o pacto constitucional está sob suspensão condicional. Os congressistas e as lideranças que hoje toleram esses recuos táticos por conveniência partidária serão os responsáveis diretos pelo preço que o mundo pagará amanhã. A maior democracia do planeta caminha para novembro sob a sombra de uma ameaça fabricada. Se o blefe do autoritarismo não encontrar resistência firme agora, o colapso deixará de ser hipótese para se tornar fato.



ROBERTO FONSECA

robertofonseca.df@dabr.com.br

Qual a pior coisa que fez?

Em meio às atenções voltadas à final da Copa do Mundo entre Argentina e Espanha, aproveitei o fim de semana passando para assistir a um dos filmes mais discutidos do ano e que minha filha, Cecília, queria muito saber a minha opinião. *O Drama*, do diretor norueguês Kristoffer Borgli, chegou aos cinemas cercado de expectativa e voltou ao centro dos debates depois de estrear no streaming. O motivo fica claro logo nos primeiros minutos. O enredo parte de uma história aparentemente comum para discutir culpa, perdão e os limites do julgamento moral.

A premissa é simples. Um casal jovem, bem-sucedido e prestes a se casar vive os preparativos da cerimônia até que a noiva revela um segredo enterrado havia anos. Aos 15 anos, ela planejou um ataque à escola onde estudava. Desistiu antes de colocar o plano em prática, mas a confissão basta para desmontar a relação. O passado, que parecia encerrado, invade o presente de forma devastadora.

O romance, então, dá lugar a um suspense psicológico sustentado mais pelas consequências da revelação do que pelos fatos. Afinal, até que ponto conhecemos quem está ao nosso lado? Uma pessoa pode ser definida para sempre por aquilo que pensou ou quase fez na adolescência? Existe espaço para reconstrução? A mentira, ou a omissão da verdade, é inevitável para a sobrevivência conjugal?

A repercussão do filme nos Estados Unidos e na Europa mostra o tamanho da ferida em que ele toca. Familiares de vítimas de massacres em escolas criticaram

o uso do tema como motor de uma comédia de humor ácido. A reação faz sentido. Transformar tragédias dessa dimensão em elemento narrativo exige um cuidado que, em vários momentos, soa deliberadamente como provocação.

Mesmo assim, o interesse do filme não está apenas no episódio do passado da protagonista. O foco recai sobre quem a cerca. Como nenhum crime foi cometido, não existe investigação policial nem tribunal. Ninguém sabia até a revelação em uma confraternização regada a vinhos. A partir daí, o julgamento começa. Parte do futuro marido e dos amigos. É justamente aí que a história ganha força. A noiva passa a carregar um rótulo do qual parece impossível escapar, enquanto os demais personagens convivem tranquilamente com as próprias contradições. Mentem, traem, manipulam e agem por conveniência. Nada disso, porém, desperta a mesma indignação. A única pessoa impedida de seguir em frente é quem nunca chegou a executar o pior ato da vida.

De fato, o filme não entrega tudo o que prometeu. Fala menos sobre violência do que sobre nós. Trata sobre o tribunal ético em que vivemos, a rapidez com que julgamos, a facilidade com que esquecemos nossas próprias incoerências e a dificuldade de aceitar que pessoas mudam. A verdade, isolada do contexto, nem sempre liberta. Às vezes, apenas destrói aquilo que levou anos para ser construído.

E a resposta para a pergunta “Qual a pior coisa que você fez na sua vida?” é muito difícil de ser escutada e entendida.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Volta às aulas

Na semana que vem, algumas — muitas — escolas particulares retornam às aulas. Consequentemente, boa parte das reclamações vistas nas redes sociais sobre como estão pais e crianças diminuirá. Já passou da hora de a sociedade brasileira ver a escola como espaço de desenvolvimento cognitivo, motor e social. Não um ambiente onde despejam as crianças.

» Beatriz Valente
Candangolândia

Quebra de patentes

Donald Trump anuncia tarifa de até 200% sobre medicamentos genéricos a partir de 2029. Quebrar patentes de remédios que podem ser produzidos aqui é uma das opções que a Lei de Reciprocidade dá ao governo. E isso implica não só em ter segurança na disponibilidade dos mesmos, como no barateamento ao consumidor

» Álvaro Carapeços
Porto Alegre (RS)

Eleitores mais velhos

O eleitor brasileiro está ficando mais velho. Isso significa mais gente votando com a experiência de quem já viu muito, já perdeu muito, já lutou muito e já se decepcionou muito com os candidatos eleitos e com as promessas de campanha não cumpridas. Significa também demandas diferentes, como saúde, segurança, acolhimento, estabilidade e respeito. Nossos futuros governantes e representantes precisam olhar para o envelhecimento como prioridade.

» Paccelli M. Zahler
Sudoeste

Onda anti-Argentina

Toda essa campanha anti-Argentina, enquanto povo e nação, é para que se crie consenso no mundo contra o país. Assim, quando resolverem saquear a Argentina e houver uma resistência sangrenta, o mundo não irá se importar, porque o povo argentino saqueado já estará desumanizado. Esse processo de captura de riqueza do país já está acontecendo na Patagônia. Será que já esquecemos da fortíssima campanha anti-Venezuela e no que ela resultou? Fomentar o desprezo e ódio entre povos colonizados é o que os europeus sempre fizeram

» Vítor Bicalho
São João del Rei (MG)

Caminho de Santiago

O caminho Santiago de Compostela atravessa França, Espanha e Portugal, com cerca de 800 quilômetros que podem ser percorridos a pé, em 20 a 30 dias. Ao longo do caminho, existem pousadas, restaurantes e postos de saúde, além de auxílios para transporte de bagagens. No Brasil, algo semelhante poderia ser organizado na Estrada Real, entre Diamantina (MG) e Paraty (RJ). Órgãos públicos e privados poderiam atuar na construção e administração da infraestrutura e serviços ao longo da estrada, para atender aos caminhantes. Propaganda institucional, a cargo do Ministério do Turismo, poderia ser feita no Brasil

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || 3214-1157

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Filme repetido: Flávio Bolsonaro questiona urnas eletrônicas em reunião com embaixadores. Será que está confiando no novo presidente do TSE?

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Após quatro anos, embaixadores se reúnem para ouvirem (de)informação sobre questões e procedimentos internos do Brasil. Mas, de novo isso? Impressionante!

Marcos Paulino — Vicente Pires

EUA anunciam taxação de 12,5% adicional ao Brasil e mais 60 países. É mais uma para a conta de Lula. O povo não aguenta mais tanto imposto e taxa!

João Carlos Franco — Brasília

Lei distrital determina que estabelecimentos comerciais disponibilizem banheiros gratuitos. Eu acho errado. O governo deveria colocar mais banheiros públicos, como era na W3 sul há muitos anos.

Cláudia Sá — Brasília

Proibição de celulares para menores de 15 anos na França. Aqui no Brasil, já ficou comprovado que a proibição dentro das escolas funciona e traz benefícios. É hora de ampliarmos o debate!

Renata P. Santos — Asa Norte

e exterior a fim de atrair os caminhantes, aproveitando o clima tropical, principalmente durante o inverno europeu.

» Itiro Iida
Asa Norte

Presente em pérolas

Num dia desses, início da noite, passei em frente ao vizinho Circo Vitória, em boas atividades culturais em nossa cidade, e, ao cumprimentar o casal diretor, entreguei a cópia do texto ‘Momentos do cotidiano’, de minha autoria, publicado neste espaço em 5 de junho de 2026. As alegrias ficaram estampadas nos semblantes do casal, e lembrei de um filme que falava em poesia, filosofia e em “presente em pérolas”. Nesse mundo capitalista, muitas vezes, as pessoas deixam passar despercebidas sobre os bons e duradouros valores culturais. Fiquei feliz com os gestos, como fui recepcionado e como bem falou o casal, arrematando: “Vamos divulgar o texto para nossos familiares e colaboradores e, assim guardaremos, num arquivo especial, como ‘presente em pérolas’. Fica nossa gratidão: nós do Circo Vitória fomos prestigiados pela crônica do amigo e, portanto, pelas pérolas históricas do **Correio Braziliense**”!

» Antônio Carlos Sampaio Machado
Águas Claras

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO

Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés

Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux

Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotografias são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br